

# ENTRE O SECUNDÁRIO E O SUPERIOR: TRAJECTÓRIAS E ORIENTAÇÕES ESCOLARES DOS ESTUDANTES RECÉM CHEGADOS AO IPS

**Susana da Cruz Martins**

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE)  
susana.martins@iscte.pt

**Joana Campos**

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém (ESES)  
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE)  
j.campos@netvisao.pt

## Resumo

O objecto de estudo, aqui privilegiado, centra-se nos processos de transição do ensino secundário para o superior a partir de uma realidade concreta e com especificidades próprias como as do Instituto Politécnico de Santarém (IPS). Para tal lançou-se um inquérito aos alunos do primeiro ano deste Instituto com o fim de se proceder a uma caracterização social do recrutamento e trajectórias escolares; e, em articulação, à análise da formação de escolhas acerca da formação que pretendem desenvolver.

**Palavras-Chave:** Trajectórias escolares; Transições; Ensino secundário e superior; Politécnico

## Abstract

The main study object of this project focuses on the transition processes between secondary and higher education, particularly considering the specific context of Polytechnic Institute of Santarém (IPS). In order to do so, it applied a survey to the 1<sup>st</sup> year students of the Institute. This way, a social characterization of the recruitment and school paths of the students was attempted and an analysis of focusing on how students choose the subjects/matters they want to develop too.

**Key-Words:** School paths; Transitions; Secondary and higher education; Polytechnic



## Notas Introdutórias

### *Objecto de pesquisa: contornos e especificidades*

O presente artigo pretende dar conta da articulação de perspectivas de análise que se prendem com os processos de transição do ensino secundário para o superior. De forma ainda exploratória, a pesquisa, cujos resultados são aqui parcialmente apresentados, tem como objecto empírico o universo dos alunos do 1º ano do Instituto Politécnico de Santarém (IPS).<sup>1</sup> Trata-se, assim, de uma oportunidade de contribuir para clarificação desses processos.

Tal objectivo tem por referência dois eixos dimensionais essenciais: a) a caracterização de aspectos contextuais dos alunos em estudo e b) a análise da construção das escolhas de formação. O primeiro eixo prende-se com a caracterização social dos estudantes, nomeadamente no que diz respeito ao seu recrutamento social, ou seja, às condições e recursos sociais das suas famílias e, articuladamente, com as suas trajectórias escolares. Um segundo remete para a análise da decisão de ingresso no ensino superior, bem como das escolhas sobre o tipo de formação a desenvolver. Parte das apreciações finais resultam do cruzamento destes dois eixos analíticos, tendo por referência o cenário social e institucional concreto, como é o do Instituto Politécnico de Santarém.

As temáticas associadas aos públicos do ensino superior têm suscitado, recorrentemente, o desenvolvimento de pesquisa científica neste domínio.<sup>2</sup> No campo da produção sociológica destacam-se algumas das referências mais recentes: a nível nacional, salientam-se os estudos de Balsa, Simões, Nunes, Carmo e Campos (2001); Almeida, Ávila, Casanova, Costa, Machado, Martins, e Mauritti (2003), Machado Martins, Mauritti e Costa (2005); ou, de carácter mais circunscrito, como os de Alves (2005), Estanque e Nunes (2003), Fernandes, Esteves, Dias, Lopes, Mendes, e Azevedo (1998); e, ainda, outros sobre os estudantes do Instituto Politécnico de Santarém, desenvolvido por Urbano (2004) e Martins e Campos (2004). Com pretensões de comparação internacional sobre as condições de vida dos estudantes do ensino superior na Europa, saliente-se o promovido pela rede Eurostudent (HIS, 2005).

---

<sup>1</sup> O estudo em referência foi desenvolvido no âmbito do projecto sobre os processos de transição do ensino secundário para o ensino superior: os alunos do Instituto Politécnico de Santarém (IPS) (Martins e Campos, 2004).

<sup>2</sup> Para o conhecimento das abordagens iniciais sobre esta temática ver Adelino Gomes (2005).

Se os estudos sobre os estudantes do ensino superior têm aqui um enfoque especial, os que procuram retratar os inscritos no secundário revelam-se também eles cruciais, pois o referente empírico aqui privilegiado diz respeito aos alunos recém chegados ao ensino superior, cujas biografias e vivências neste patamar de ensino são ainda curtas, trazendo marcas de uma socialização recente no secundário. Registe-se, então, um conjunto de referências que vão marcando a sociologia do secundário na última década (Resende e Vieira, 1998; Azevedo, 1999; Barroso, 2003b), não só respeitantes a processos de democratização deste ciclo escolar (Grácio, 1997; Silva, 1999; e Silva 2003), como para o entendimento de dinâmicas culturais e relacionais (Lopes, 1997 e 2003; Abrantes, 2003; Fonseca, 2003) ou de formas de mobilização desses estudantes (Estêvão e Afonso, 1998; Gomes e Lima, 1998; Palhares, 1998). Dos trabalhos desenvolvidos numa perspectiva histórica assinalam-se Silva (2002) e Resende (2003). Do ponto de vista de uma análise comparada à escala europeia veja-se ainda Azevedo (2000).

É ainda de realçar a realização de estudos de natureza mais circunscrita. Sejam os que se referem à realização de inquéritos a estudantes do ensino secundário (Cruz, Cruzeiro, Leandro e Matias, 1992; Rodrigues, Mendes e Antunes, 1997), ou aqueles, focados em realidades particulares, que dizem respeito, designadamente, a solicitações do Ministério da Educação/PRODEP, destacando-se Seabra, Sebastião e Teixeira (1998) e ainda Pardal e Correia (1998).<sup>3</sup>

Estes contributos permitem uma melhor caracterização dos estudantes do secundário, permitindo um melhor entendimento das trajectórias dos estudantes em “trânsito” para o ensino superior.

#### *Notas metodológicas*

No que se refere aos procedimentos de operacionalização da pesquisa adoptou-se uma estratégia metodológica de tipo extensivo com recurso ao inquérito por questionário, como instrumento de recolha de informação, aplicado aos alunos do primeiro ano do Instituto Politécnico de Santarém, no ano lectivo de 2003/2004. Apesar do carácter eminentemente exploratório do estudo, sublinhe-se o interesse dos resultados quer do ponto de vista da análise sociológica, designadamente na ilustração

---

<sup>3</sup> Um outro grupo de referências relativas ao ensino secundário são as que dizem respeito às publicações das actas dos encontros e debates que sobre o secundário se têm vindo a realizar, nomeadamente os dinamizados pelo Ministério da Educação (Fernandes e Mendes, 1998 e 1999), assim como de Associações como a APS (1996). E ainda as publicações do próprio Ministério da Educação (1998, 2000).



de trajetórias e orientações de formação dos estudantes, quer a aproximação ao contexto institucional e de formação do IPS.

A amostra é constituída tendo por referência o universo dos alunos do 1º ano das escolas do Instituto Politécnico de Santarém. Para a definição da mesma o primeiro critério definido resultou da intenção de cobertura da totalidade das escolas do IPS: Escola Superior Agrária, Escola Superior de Desporto, Escola Superior de Educação, Escola Superior de Enfermagem e Escola Superior de Gestão.<sup>4</sup>

Como segundo critério para a definição da amostra, entendido como fundamental, foram consideradas as áreas nucleares de formação em cada escola do Instituto. Para o efeito, foram inquiridos 310 estudantes do 1º ano.

**Quadro 1** Distribuição dos estudantes do 1º ano inquiridos por escola (em percentagem)

<i>Instituto Politécnico de Santarém</i>	%
Escola Superior Agrária	20,3
Escola Superior de Desporto	12,6
Escola Superior de Educação	30,6
Escola Superior de Enfermagem	15,0
Escola Superior de Gestão	21,6
Total	100,0

No sentido de dar resposta analítica aos eixos de análise, o questionário dividiu-se em duas partes essenciais:

- Uma primeira de caracterização social, que comporta quer dimensões socioeducacionais e socioprofissionais, quer demográficas e socioespaciais tanto respeitantes aos alunos inquiridos como aos seus agregados familiares.
- Uma segunda que diz respeito a sistemas de valores, representações e orientações, sobretudo em domínios como formação/qualificação e profissão.

### **Caracterização Social e Escolar dos Estudantes do 1º ano do IPS**

A produção sociológica que toma por referência a análise das trajetórias escolares tem dado conta, recorrentemente, da importância de caracterização dos jovens no sistema, quer do ponto vista dos seus contextos e origens sociofamiliares

<sup>4</sup> Mais especificações são dadas em Martins e Campos (2004)

quer do seu enquadramento institucional e desempenho escolares. Tal articulação analítica permite que se considere a seguinte questão: quem são os estudantes que transitam para o IPS?

### *Traços sociodemográficos*

Em primeiro lugar, apresenta-se como um dado marcante a feminização do corpo discente do 1º ano. Tendência aliás já encontrada em vários estudos desenvolvidos no âmbito do ensino superior em Portugal (cf. Grácio, 1997; Balsa, Simões, Nunes, Carmo, Campos, 2001; Martins, Mauritti e Costa, 2005) e também na Europa (HIS, 2005; OCDE, 2005). Contudo, e embora considerando um total que ultrapassa os 70% de alunas, a tendência de feminização acentua-se significativamente nos escalões mais baixos.

**Quadro 2** Indicadores sociodemográficos por escola dos alunos do 1º ano (em percentagem)

Indicadores demográficos	E. Sup. Agrária	E. Sup. Desporto	E. Sup. Educação	E. Sup. Enfermagem	E. Sup. Gestão	Total
<i>Sexo</i> <sup>(1)</sup>						
Masculino	41,7	54,3	8,9	11,1	36,7	27,2
Feminino	58,3	45,7	91,1	88,9	63,3	72,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<i>Idade</i>						
18 a 24 anos	88,5	94,6	91,2	100,0	88,5	91,9
25 a 29 anos	8,2	2,7	6,6	0,0	4,9	5,1
30 anos e mais	3,3	2,7	2,2	0,0	6,6	3,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<i>Situação conjugal</i>						
Nunca viveu em situação conjugal	96,7	97,3	95,6	100,0	90,3	95,6
Vive em situação conjugal (casado)	1,7	2,7	2,2	0,0	8,1	3,1
Vive em situação conjugal (união de facto)	0,0	0,0	1,1	0,0	1,6	0,7
Não vive em situação conjugal mas já viveu	1,7	0,0	1,1	0,0	0,0	0,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(1) Qui-quadrado significativo ( $p \leq 0,001$ )

No entanto, a distribuição das raparigas não é homogénea quando consideradas as escolas do IPS. Assim, se na Escolas Superiores de Educação e de Enfermagem os valores relativos às estudantes inquiridas rondam os 90%; essa desigualdade atenua-se em escolas como a de Gestão com 63%, seguida da Agrária com 58% (quadro 2). Contudo, se considerarmos a Escola Superior de Desporto a tendência inverte-se com uma maioria de estudantes do sexo masculino (54%). Quanto às



orientações de formação por género, permanece uma forte estereotipização, designadamente nas áreas vocacionais do “cuidar” como a educação e a enfermagem (perspectiva já muito salientada noutros estudos como Grácio, 1997; Almeida, Ávila, Casanova, Costa, Machado, Martins e Mauritti, 2003, Martins, Mauritti e Costa, 2005). Embora seja conhecida uma maior taxa de feminização no ensino universitário face ao politécnico (Balsa, Simões, Nunes, Carmo, e Campos, 2001), devido à grande implementação deste tipo de áreas, no quadro institucional do IPS as estudantes são uma forte maioria.

No que se refere à distribuição etária dos estudantes inquiridos do 1º ano por escola de formação (quadro 2), embora haja para a totalidade uma forte incidência dos alunos que se encontram no escalão de idades dos 18 aos 24 anos, há pequenas variações que importa destacar. Nomeadamente os 100% de alunos inquiridos do 1º ano da Escola Superior de Enfermagem que se posicionam na faixa etária mais baixa. Tal incidência deixa antever uma população que, nesta escola, chega ao ensino superior, com trajectórias escolares sem marcas de insucesso. Já nas restantes escolas, e embora os valores sejam elevados nesse primeiro escalão etário, existem alguns alunos mais velhos, como é o caso dos verificados na Escola Superior Agrária e na de Gestão, com cerca de 10% com mais de 24 anos de idade.

Complementarmente, outro aspecto interessante prende-se com a conjugalidade dos estudantes do 1º ano do IPS, cujo projecto se encontra claramente adiado para o período posterior à formação inicial. Ainda no que se refere a este indicador, uma vez mais, os estudantes de Enfermagem destacam-se, com 100%, seguidos pelos restantes colegas com valores que se encontram na ordem dos 90% (quadro 2). Parece então que o prolongamento dos estudos atrasa a *passagem para a idade adulta*, expresso em indicadores como o da conjugalidade (cf. Almeida, Capucha, Costa, Machado e Torres, 2000; e Guerreiro e Abrantes, 2004; e, enquadrando em processos de modernização do país e suas relações com as tendências mais marcantes na Europa, ver Almeida, Guerreiro, Lobo, Torres e Wall, 1998; Lewis, Smithson, Brannen, Guerreiro, Kugelberg, Nilsen, O’Connor, 1999). Não é portanto de estranhar que, no que se refere à residência, se encontre uma significativa maioria dos estudantes inquiridos a residir com os pais.

Constituindo-se como referência analítica a posição geográfica das escolas, a distribuição da residência dos alunos do primeiro ano mostra claramente a

preponderância de famílias residentes no distrito do IPS, com quase metade das famílias a residirem em Santarém.<sup>5</sup>

Embora com proporções assinaláveis nos distritos de Lisboa e Leiria, não podemos concluir que o IPS apresente uma capacidade de atracção que se sobreponha aos congéneres aí sedeados.<sup>6</sup> Na medida em que o valor mais elevado para o distrito de Lisboa, é um concelho limítrofe da Área Metropolitana de Lisboa, Vila Franca de Xira, fronteiro com o distrito de Santarém. Relativamente ao de Leiria, essa atracção poder-se-á exercer, igualmente pela proximidade geográfica, destacando-se os concelhos das Caldas da Rainha e Alcobaça, nestes casos subsidiários da rede viária facilitadora das deslocações (para conhecer especificidades sobre os distritos de recrutamento destes estudantes ver Martins e Campos, 2004).

### *Contextos e origens sociais*

A caracterização do perfil dos alunos do 1º ano do IPS aponta para uma condição de estudante que se constrói em exclusivo face a outras actividades, nomeadamente as relacionadas com o exercício de uma actividade profissional.

A grande maioria dos estudantes que vive a cargo da família (não muito longe dos 90%), ocupando o trabalho uma posição secundária neste panorama (não chegando a atingir os 10%). Tal aspecto coloca a caracterização dos contextos e recursos das famílias de forma ainda mais preponderante para o reconhecimento das trajetórias escolares e de vida destes estudantes.

Uma conclusão de carácter genérico que se pode desde já retirar é que a vida activa não marca presença com a de estudante, o que nos permite avançar que se tratam de ciclos sequenciais e não cruzados. Numa leitura associada entre a situação conjugal e a profissional/trabalho, podemos interpretar estes valores no sentido de uma demora nas condições destes estudantes na transição para a vida adulta (cf. Almeida, Capucha, Costa, Machado e Torres, 2000; Martins, Mauritti, e Costa, 2005).<sup>7</sup>

Inversamente aos estudantes, como seria de esperar, a grande maioria dos pais vive do trabalho e exerce uma profissão. Contudo registam-se algumas diferenças de género que se podem assinalar: os pais face às mães sustentam-se de forma mais alargada através de rendimentos provenientes do trabalho, embora também seja essa

---

5 Tratando-se de informação amostral que pode conter alguns desvios face ao universo tido em referência.

6 Com 17% para o distrito de Lisboa e de 13% para o de Leiria.

7 Para uma comparação entre países da OCDE, que cruza variáveis como a conjugalidade, a fertilidade por relação à condição perante o trabalho e à participação no sistema de ensino ver Fussel (2002), permitindo reconhecer a este propósito configurações de países deste conjunto.



a sua principal fonte de sustento para elas; e a vida activa (emprego e desemprego) tem menos peso para as mães do que para os pais, sendo ainda evidente a figura da doméstica (cerca de ¼ das mães dos estudantes em análise).

Colocando no centro a análise das origens sociais destes estudantes, as classes sociais (categorias socioprofissionais)<sup>8</sup> e as escolaridades dos pais são indicadores cruciais para se aferir as condições e os contextos da sua proveniência social.

**Quadro 3** Indicadores socioprofissionais e socioeducacionais dos pais (em percentagem)

	E. Sup. Agrária	E. Sup. Desporto	E. Sup. Educação	E. Sup. Enfermagem	E. Sup. Gestão	Total
<i>Classe social dos pais</i>						
Empresários, dirigentes e profissionais liberais	30,0	45,9	25,6	29,5	41,9	33,2
Profissionais técnicos e de enquadramento	30,0	21,6	27,9	34,1	19,4	26,6
Trabalhadores independentes	0,0	5,4	2,3	4,5	4,8	3,1
Trabalhadores independentes pluriactivos	11,7	5,4	14,0	11,4	8,1	10,7
Empregados executantes	13,3	2,7	15,1	4,5	9,7	10,4
Operários industriais	13,3	16,2	14,0	13,6	12,9	13,8
Empregados executantes pluriactivos	1,7	2,7	1,2	2,3	3,2	2,1
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
<i>Escolaridade dos pais</i> <sup>(1)</sup>						
Nenhum	0,0	0,0	0,0	0,0	3,2	0,7
Ensino básico: 1º ciclo	15,0	29,4	30,8	31,1	36,5	28,7
Ensino básico: 2º ciclo	16,7	17,6	16,5	8,9	11,1	14,3
Ensino básico: 3º ciclo	18,3	20,6	22,0	11,1	17,5	18,4
Ensino secundário	15,0	14,7	17,6	28,9	20,6	19,1
Ensino superior	35,0	17,6	13,2	20,0	11,1	18,8
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Qui-quadrado significativo ( $p \leq 0,05$ )

Cerca de 60% dos pais destes estudantes (no conjunto de pais e mães) pertencem às duas classes sociais melhor posicionadas na estrutura social, designadamente no que diz respeito a recursos culturais e económicos e ao poder que detém nas organizações onde trabalham. Valor elevado se se comparar com os da sociedade portuguesa no escalão etário próximo da idade dos pais destes estudantes (Machado, Costa, Mauritti, Martins, Casanova, Almeida, 2003; Martins, Mauritti e Costa, 2005). Aspecto que denota efeitos de reprodução no recrutamento para o ensino superior ainda de forma acentuada. Embora os processos de selectividade

<sup>8</sup> Definições e balanços actualizados, entre alguma da bibliografia mais relevante recente podem encontrar-se em Machado e Costa (1998), Costa (1999), Costa, Mauritti, Martins, Machado e Almeida (2000), Machado, Costa, Mauritti, Martins, Casanova, Almeida (2003).

social sejam ainda maiores se se considerar o ensino universitário (*idem*, 2005), não deixa de ser marcante no IPS, podendo corresponder também às características de classe social da própria região onde se localiza o IPS (quadro 3).

Contudo, esta realidade é um pouco diferenciada no interior do Instituto, de escola para escola. Os empresários, dirigentes e profissionais liberais têm um maior peso quer na Escola Superior de Desporto quer na de Gestão. Seria interessante compreender se, nomeadamente no que diz respeito a esta última, existe alguma proximidade entre a sua principal categoria socioprofissional de recrutamento e as áreas principais de estudo, orientadas sobretudo para a colocação dos estudantes em cargos de gestão e direcção de organizações. Na Escola Superior de Enfermagem, aquela cujas origens apontam para inserções profissionais melhor qualificadas do ponto de vista técnico e científico, verifica-se que, de facto, as formações na área da saúde são aquelas em que a reprodução qualificacional acontece de pais para filhos de forma mais marcada. Este aspecto é ainda mais reforçado quando atendemos ao sector universitário em que as formações na área da saúde evidenciam processos de recrutamento de grande elitismo social (cf. Almeida, Ávila, Casanova, Costa, Machado, Martins, Mauritti, 2003). Aqui tais traços de caracterização podem ser esbatidos por se tratar de um ensino politécnico e do curso ser a Enfermagem e não outros de maior valor credencial, como a Medicina. A visibilidade de reprodução social consubstancia a perspectiva de uma herança social e cultural que aproxima as várias classes sociais ao sistema escolar de forma diferenciada e com atributos e recursos que permitem também uma distinta afinidade ao seu universo cultural (enfoque amplamente problematizado pelas teorias de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, 1964 e s/d). Uma maior democratização dos sistemas de ensino, que também é verificado no português, permite a observação de um alargamento social do acesso, prevalecendo contudo formas de desigualdade quanto às oportunidades futuras garantidas pelas diferentes formações (Grácio, 1997).

A Escola Superior de Educação é aquela que, com excepção dos trabalhadores independentes e os empregados executantes pluriactivos (categorias residuais), apresenta uma distribuição mais equitativa pelas várias categorias. Saliente-se que esta Instituição é aquela cujas origens dos seus estudantes provêm, de forma mais significativa, de segmentos assalariados e pouco qualificados (visível no somatório entre os empregados executantes e operários industriais, 29%).

Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (1964) insistiam, precisamente, que a origem social dos estudantes seria mais determinante, enquanto factor diferenciação,



do que o sexo ou a idade, nomeadamente no que se refere aos factores culturais associados a essa origem (cf. Fournier, 2002). Um dos indicadores que expressa, de alguma forma, esse tipo de recursos familiares diz respeito às qualificações dos pais. Em relação à escolaridade dominante nas famílias destes estudantes<sup>9</sup>, trata-se de um segmento que, novamente comparando com os níveis qualificacionais da população nacional, possuem níveis mais elevados.

A escola superior que se aproxima mais da estrutura qualificacional portuguesa é a de Gestão. Esta é a instituição educativa cujas origens dos seus recém recrutados têm uma forte incidência na categoria dos empresários, dirigentes e profissionais liberais, dando conta das baixas qualificações associadas. A relação entre estes perfis é próxima da observada a nível nacional (Machado e Costa, 1998; Machado, Costa, Mauritti, Martins, Almeida e Casanova, 2003, Martins, Mauritti e Costa, 2005) que, embora se trate de uma categoria socioprofissional muito híbrida quanto aos níveis de escolaridade, verifica-se com evidente incidência empresários pouco escolarizados (em que na sua grande maioria possui no máximo o 1º ciclo do ensino básico ou equivalente). A Escola Superior Agrária e, embora com alguma distância, a de Enfermagem são aquelas cujas famílias são mais escolarizadas, traduzindo alguma consistência na leitura dos indicadores socioprofissionais. A análise que fundamenta estes resultados poderá estar relacionada, por um lado, com a valorização das actividades agrícolas (e associadas) no distrito de Santarém e, por outro lado, relativamente à Escola de Enfermagem, à valorização do sector da saúde em termos de importância social e capacidade de inserção no mercado de trabalho. As famílias melhor posicionadas na estrutura social do distrito colocam os seus filhos preferencialmente nestes cursos, tendo por referência o quadro da oferta educativa local. A certificação do ensino superior é mais baixa para os pais dos estudantes das escolas superiores de Gestão e de Educação, onde muitas vezes a escolaridade dos filhos traduz o percurso mais longo, do ponto de vista do enquadramento no sistema educativo, realizado em termos familiares.

Deste ponto de vista, observam-se de facto aqui efeitos de reprodução social, mas dando conta em simultâneo de um *duplo padrão de recrutamento social*, conferindo significado à entrada de outros segmentos sociais (Machado, Costa, Mauritti, Martins, Almeida, Casanova, 2003).

---

<sup>9</sup> A escolaridade dos pais ou familiar é calculada através de um algoritmo em que prevalece, em cada categoria, a escolaridade mais alta de cada cônjuge.

### *Trajectórias escolares*

A análise das trajectórias escolares traduz aspectos de selecção social e de orientações escolares por relação a uma carreira marcada por maiores ou menores sucessos, salientando-se, mais do que determinismos abusivos nestas relações, tendências verificadas nos dados recolhidos.

Estes alunos, recém chegados ao ensino superior, trazem uma bagagem de experiências formativas anteriores que aqui se pode fazer alguma ilustração. As vias de acesso ao ensino superior representam um desses indicadores sobre o passado escolar. Numa primeira observação poder-se-á dizer que mais de 80% dos estudantes do 1º ano vêm dos cursos gerais e mais de metade da área científico-natural. Tendência esta igualmente identificada a nível nacional (ver Martins, Mauritti, Costa, 2005).

É interessante, mesmo assim, verificar que as vias de ensino percorridas pelos estudantes apresentam diferenças na leitura do indicador por escola. Desta forma, o primeiro aspecto a salientar prende-se com a especificidade dos alunos da Escola Superior de Enfermagem, na medida em que se apresentam na totalidade como provenientes dos cursos gerais, na área de científico-natural (Quadro 4). Embora na sua maioria os estudantes das restantes escolas sejam oriundos dos cursos gerais, a sua distribuição é heterogénea.

Na Escola Superior de Desporto encontra-se uma maioria de quase 90% dos alunos do 1º ano inquiridos provenientes da mesma área, assim como na Escola Superior Agrária, acima dos 80%. Já as Escolas Superiores de Educação e Gestão, e ainda relativamente à via de ensino do secundário, têm nos cursos gerais a principal origem, à semelhança das anteriores, contudo com uma distribuição diferente nas várias áreas. No caso da Escola Superior de Educação metade dos alunos são provenientes das humanidades e um ¼ da área de científico-natural. Já a Escola Superior de Gestão concentra 44% na via económico-social dos cursos gerais, seguida de 28% dos alunos provenientes da mesma área mas de outra via, os cursos tecnológicos (quadro 4).

Tais diferenças revelam efeitos de homologia na formação do secundário e a realizada no superior. Acrescente-se ainda que a formação realizada naquele patamar de ensino tem consequências nas opções e nos trajectos futuros, quer por via de entrada numa área de vocacional e formativa quer porque, se umas funcionam como trampolim de acesso de “banda larga” no ensino terciário, outras condicionam a entrada em cursos diversificados.



**Quadro 4** Indicadores de trajectória escolar dos alunos do 1º ano por escola (em percentagem)

Indicadores de trajectória escolar	E. Sup. Agrária	E. Sup. Desporto	E. Sup. Educação	E. Sup. Enfermagem	E. Sup. Gestão	Total
<i>Via de ensino no secundário</i>						
Cursos gerais: científico-natural	82,0	88,2	26,4	100,0	9,8	53,1
Cursos gerais: artes	0,0	0,0	3,3	0,0	0,0	1,0
Cursos gerais: económico-social	0,0	2,9	2,2	0,0	44,3	10,3
Cursos gerais: humanidades	0,0	5,9	50,5	0,0	6,6	17,8
Cursos tecnológicos: científico-natural	4,9	0,0	1,1	0,0	1,6	1,7
Cursos tecnológicos: económico-social	0,0	0,0	2,2	0,0	27,9	6,5
Cursos tecnológicos: humanidades	0,0	2,9	4,4	0,0	0,0	1,7
Ensino artístico especializado	0,0	0,0	1,1	0,0	0,0	0,3
Ensino recorrente: curso geral	4,9	0,0	3,3	0,0	1,6	2,4
Ensino recorrente: curso técnico	6,6	0,0	2,2	0,0	4,9	3,1
Outra	1,6	0,0	3,3	0,0	3,3	2,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<i>Reprovação no percurso escolar</i>	80,0	60,6	52,2	15,6	72,4	57,3

Qui-quadrado significativo ( $p \leq 0,001$ )

Também no que se refere à análise de taxas de reprovação dos alunos por escola existem discrepâncias que merecem ser aqui gizadas. Assim, aos 100% dos alunos provenientes dos cursos gerais pela área de científico-natural da Escola de Enfermagem associa-se o valor de 84% sem reprovações nas suas trajectórias escolares. De facto, a frequência nesta escola tem associada trajectórias de escolaridade de sucesso, em áreas científicas com origens sociais qualificadas, tendências sociais e escolares que lhe conferem alguma distintividade face aos restantes contextos escolares do IPS.

Os alunos das Escolas Superiores de Desporto e Agrária, com igual proveniência, apresentam trajectórias escolares com valores elevados de reprovação, cerca de 60% e 80% respectivamente. O que permite relativizar uma análise determinista face à reprodução social, reforçando, no entanto, a ideia de que o desempenho escolar no secundário influencia as opções realizadas no ensino superior. Os alunos do 1º ano da Escola Superior de Gestão apresentam um perfil vocacional, marcado no seu trajecto escolar, combinando duas vias distintas e, inversamente ao caso de Enfermagem, com um nível de reprovação elevado, na ordem dos 70%. A Escola Superior de Educação apresenta um valor intermédio, com cerca de 50% de reprovação, com a já referida dispersão quer de vias, quer de áreas de origem dos alunos (quadro 4).

**Quadro 5** Reprovação por ciclo de escolaridade dos alunos do 1º ano (em percentagem)

<i>Ciclo em que o estudante reprovou</i>	<i>%</i>
1º Ciclo do Ensino Básico	8,1
2º Ciclo do Ensino Básico	2,3
3º Ciclo do Ensino Básico	7,0
Ensino Secundário	72,1
Ensino Superior	10,5
Total	100,0

Ainda no que se refere às trajectórias escolares verifica-se que mais de metade dos alunos inquiridos do 1º ano, 57%, experimentaram situações de reprovação, embora com distribuições distintas se considerarmos as escolas, como vimos anteriormente. Este indicador apresenta ainda outra característica interessante que se prende com o ciclo de ensino em que se concentram a maioria das reprovações: no secundário com 72%. Não sendo de desprezar, ainda, os cerca de 10% de reprovações experimentadas já no ensino superior (quadro 5).

**Quadro 6** Motivos para a reprovação (em percentagem)

<i>Motivos de reprovação</i>	<i>%</i>
Falta de condições financeiras	4,1
Dificuldade de deslocação para a escola	4,1
Falta de incentivo da família	4,7
Falta de disponibilidade devido a trabalho doméstico	7,6
Falta de condições de estudo em casa	10,5
Falta de disponibilidade devido ao trabalho	15,3
Problemas de saúde	15,9
Desvalorização do estudo pelos amigos	18,0
Falta de disponibilidade devido actividades juvenis	23,5
Desinteresse e má preparação dos professores	43,6
Desinteresse pelas disciplinas	58,4
Dificuldade em certas disciplinas	74,8

É na escola, sobretudo na sua dimensão curricular, que se encontram as razões mais apontadas para as reprovações: destacando-se a dificuldade de certas disciplinas, com 75%, e o desinteresse pelas mesmas, com 58%; e, num segundo domínio, com valor aproximado, encontra-se o desinteresse e a má preparação dos professores, com 44%. Estes valores indicam o distanciamento e a dificuldade de



integração na cultura escolar/académica como principal justificação do insucesso escolar, já verificados noutros estudos, tendo por referente populações estudantis de níveis anteriores (Alves, 1998). Com menor importância estatística, mas com valores a considerar, encontram-se as actividades juvenis com 24%, aos quais se podem associar os 18% de desvalorização dos estudos pelos amigos (quadro 6).

Se por um lado o contexto escolar e as sociabilidades juvenis são apontados como geradores dos principais motivos para reprovação, já o contexto sócio-económico da família, de acordo com os estudantes inquiridos, parece não explicar tão preponderantemente esse acontecimento nos seus percursos escolares. Praticamente o total de respostas relativas às condições sociais da família reuniu valores reduzidos, respeitantes tanto à falta de incentivo da família, como à dificuldade de deslocação para a escola e ainda às deficitárias condições financeiras. Assim, parece que os motivos relativos à família, a serem significativos na reprovação dos alunos, não o são para estes que atingiram o ensino superior (quadro 6).

### **Processos de Transição Escolar**

Os trabalhos da sociologia da educação, que dedicaram particular atenção ao tema das trajectórias e escolhas escolares, têm demonstrado que se, por um lado, essas escolhas são fortemente condicionadas pela oferta existente nas escolas secundárias (Azevedo, 1992; Grácio, 1997; Silva, 1999; Barroso, 2003a), por outro, as variáveis associadas às próprias trajectórias individuais parecem ter, também, relevância na explicação dessas decisões. Sérgio Grácio (1997) evidencia a importância de que se revestem as escolhas realizadas ao longo do percurso escolar, na transição para o secundário e, posteriormente, para o ensino superior, tanto na decisão de não prosseguimento de estudos como na escolha entre os ensinos universitário ou politécnico.

#### *Decisão do ingresso*

Mais de metade dos alunos inquiridos (60%) afirmaram que sempre consideraram o ingresso no ensino superior, os restantes construíram esse projecto em momentos diferentes da sua trajectória escolar (quadro 7).

Precisamente as declarações dividem-se entre aqueles que sempre consideraram esse ingresso, 2/3 dos inquiridos, e os que mais tardiamente tomaram uma decisão, (para mais de 1/5 destes estudantes foi no secundário)<sup>10</sup>

**Quadro 7** Momento de decisão para o ingresso no ensino superior (em percentagem)

<i>Momento de ponderação de ingresso no Ensino Superior</i>	E. Sup. Agrária	E. Sup. Desporto	E. Sup. Educação	E. Sup. Enfermagem	E. Sup. Gestão	Total
Sempre pensei ingressar no ensino superior	68,9	67,6	49,5	79,5	47,5	59,8
Durante o 3º ciclo	1,6	2,9	5,5	11,4	3,3	4,8
Durante o secundário	11,5	20,6	30,8	6,8	23,0	20,3
No fim do 12º ano	13,1	8,8	7,7	2,3	16,4	10,0
Após experiências de trabalho	4,9	0,0	6,6	0,0	9,8	5,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Qui-quadrado significativo ( $p \leq 0,001$ )

A construção da decisão é diferenciada se se tiver por referência as escolas do Politécnico. Os alunos da Escola Superior de Enfermagem uma vez mais se destacam pela sua especificidade, com cerca de 80% a afirmarem ter considerado sempre o ingresso no ensino superior e com mais de 10% a apontarem o 3º ciclo do ensino básico como o momento de ponderação. Estes valores dão conta de uma decisão vinculada e precoce. Como afirma Sérgio Grácio (1997), as decisões ligam-se ao aproveitamento escolar, e quando este é mais elevado, como é o caso dos alunos de enfermagem, maior é a probabilidade de se dar continuidade ao investimento escolar. Já os estudantes das Escolas Superiores de Educação e Gestão caracterizam-se por uma decisão mais tardia. Cerca de 30% dos alunos do 1º ano de Educação decidiram o ingresso durante o ensino secundário. Os alunos da Escola Superior de Desporto têm como segundo valor de decisão mais elevado a ocorrida no secundário, com cerca de 20%. Já os alunos da Escola Superior de Gestão, embora reúnam um pouco mais de 1/5 que aponta o secundário como o momento decisivo, somam 16% a decidirem apenas no final do 12º ano. Tal como os anteriores, 1/4 dos alunos da Escola Superior Agrária tomam a decisão no ensino pós-básico, mas a grande maioria (69%) sempre considerou ingressar no ensino superior.

Por fim, a análise dos dados relativos ao momento de ponderação de ingresso no ensino superior parece dar conta da fraquíssima influência que anteriores experiências de trabalho possam ter nesta tomada de decisão, destacando-se os da

<sup>10</sup> Não se distanciando aqui dos resultados encontrados por Sérgio Grácio (1997).



Escola Superior de Gestão como aqueles para os quais tais inserções no mercado de trabalho tiveram maior importância.<sup>11</sup>

Ainda em relação ao ingresso no ensino superior, e relativamente à importância de que se pode revestir essa decisão, encontra-se como valor mais elevado a realização pessoal e aquisição de qualificações para a profissão (quadro 8), não se distanciando dos resultados encontrados por Mauritti (2003), com maior incidência para as orientações marcadamente autocentradas.

**Quadro 8** Decisão de ingresso no ensino superior (em média de importância dos factores)

<i>Importância dos factores na decisão</i>	<i>Média</i>
Aquisição de qualificações para a profissão	1,3
Realização pessoal	1,3
Especialização profissional	1,4
Continuidade dos estudos	1,5
Alargamento de conhecimentos	1,5
Ter um curso superior	2,0
Boa classificação no secundário	2,1
Estatuto social mais elevado	2,3

1 – Muito importante; 4 – Nada importante

Interessante é também a relação entre a decisão de ir para o ensino superior com a perspectiva de uma especialização profissional, a continuação dos estudos e alargamento de conhecimentos, deixando para segundo plano a importância das boas classificações no secundário. A menor importância deste factor face aos restantes pode estar relacionada com o facto de estes alunos serem os que já ultrapassaram o “filtro” que o acesso ao ensino superior representa. De menor importância, em termos médios, mas pertinente para a análise, é a possibilidade de aquisição de um estatuto social mais elevado (cf. Silva, 1999) (aspecto que ganha contornos diferenciados de área para área de formação, ver Mauritti, 2003; Machado, Costa, Mauritti, Martins, Almeida, Casanova, 2003) (quadro 8).

<sup>11</sup> O corpo discente desta escola é aquele que, no quadro da tomada de decisão de ingresso no superior, revela maior proximidade entre a formação que está a realizar com as experiências de trabalho anteriores, bem como com as expectativas de inserção profissional futuras (a este respeito ver Martins e Campos, 2004).

### *Orientações e aspirações escolares*

O público estudantil que se inscreve nos estabelecimentos educativos do IPS pela primeira vez candidatou-se, na sua grande maioria (três quartos desses estudantes), aos seus cursos como primeira opção. Tais valores são francamente reforçados nas candidaturas à Escola Superior de Gestão (87%) e de Enfermagem (81%). A entrada nos cursos destas duas escolas como primeira opção pode ter dois significados distintos: no caso da Enfermagem esse ingresso é pautado, essencialmente, por carreiras de sucesso escolar continuado; já para os alunos de gestão a oferta alargada nesta área parece garantir um fácil acesso ao ensino superior.

A escolha do curso (quadro 9), de acordo com as declarações dos estudantes, é orientada quer por opções assentes em interesses vocacionais, quer pelo tipo de facilidades e condições de inserção profissional (expressas nomeadamente no desejo de adquirir competências profissionais) que esse curso parece permitir.<sup>12</sup>

**Quadro 9** Escolha do curso (em média de importância dos factores)

<i>Escolha do curso</i>	<i>Média</i>
Área de interesse/vocação	1,5
Facilidade de acesso ao mercado de trabalho	1,6
Aquisição de competências profissionais	1,6
Carácter prático do curso	1,7
Acesso a profissão qualificada e bem remunerada	1,8
Programa de estudos	2,1
Prestígio do curso	2,1
Cumprimento de expectativas familiares	2,8
Pessoas próximas com/no mesmo curso	2,9

1 – Muito importante; 4 – Nada importante

Para a escolha da escola são factores primordiais o facto de se tratar de ensino público e com uma localização geográfica preferencial (quadro 10). A associação entre estes dois factores reforça os resultados anteriormente referenciados, numa concepção positiva, por parte destes estudantes, do ensino de proximidade. Tal é consonante com o padrão de fraca mobilidade territorial dos estudantes portugueses do ensino superior (Martins, Mauritti e Costa, 2005). Embora não exista uma grande diferenciação de importância entre os factores, a especificidade do tipo de formação

<sup>12</sup> As variações por escola na leitura deste indicador são muito pouco expressivas (ver Martins e Campos, 2004).



oferecido pelo Instituto, o ensino politécnico, não é reconhecido pelos estudantes como preponderante nas suas escolhas. Ainda a este respeito, os resultados do estudo de Cristina Gomes da Silva (1999) dão conta da fraca expressão que o ensino politécnico assume nas expectativas escolares dos estudantes do ensino secundário.

**Quadro 10** Escolha da escola (em média de importância dos factores)

<i>Escolha da escola</i>	Média
Ensino público	1,6
Localização geográfica	2,0
Qualidade dos equipamentos e instalações	2,1
Prestígio da escola	2,2
Prestígio do IPS	2,3
Rede de transportes e acessos viários	2,4
Ensino politécnico	2,6
Pessoas próximas na mesma escola	3,1

1 – Muito importante; 4 – Nada importante

Também para este indicador (quadro 10) se verificam apenas ligeiras flutuações de valores de escola para escola. Contudo, pode-se, ainda assim, identificar algumas diferenças, nomeadamente no que diz respeito à localização geográfica, em que os estudantes de Gestão (seguidos dos de Enfermagem e Educação) atribuem ao factor de proximidade maior importância.

Tanto na opção do curso como na da escola ter amigos ou familiares a frequentar os mesmo tipos ou locais de formação parece, mais ou menos, irrelevante. A ponderação destes aspectos, mais relacionados com as sociabilidades e redes sociais, parece ter uma importância mais reforçada noutros ciclos de formação (Mateus, 2002, Abrantes, 2003).

**Quadro 11** Estudantes que pretendem realizar outras graduações (em percentagem)

<i>Escolas Superiores do IPS</i>	%
Escola Superior Agrária	16,4
Escola Superior de Desporto	51,5
Escola Superior de Educação	34,8
Escola Superior de Enfermagem	53,3
Escola Superior de Gestão	32,8
Total	35,3

Quanto à perspectiva de dar continuidade aos estudos e, portanto, a intenção de realizar outras graduações, observa-se que, entre os estudantes do 1º ano, mais de um terço pretende fazê-lo (cerca de 35%, como se regista no quadro 11).

As variações entre escolas são aqui de realce. As de Enfermagem e Desporto são aquelas que, no plano do que foi declarado pelos seus alunos, mais intenções têm de realizarem outras graduações. É na Escola Superior Agrária que este indicador é mais irrelevante (16%). Tais diferenças podem estar relacionadas, por um lado, com as representações e trajetórias escolares em áreas técnico-científicas e, por outro, com a sua inserção no mercado de trabalho.

### **Notas Finais**

Para finalizar existe neste texto uma nota de primordial centralidade: as características de transição do ensino secundário para o superior. Num segmento específico, como são os alunos recém chegados ao IPS, vale a pena salientar traços gerais e de convergência com a população estudantil deste patamar de ensino, bem como sistematizar algumas das especificidades deste público em concreto.

Como aspecto de proximidade do retrato social à população nacional inscrita no superior, saliente-se que a vida activa não marca presença durante o percurso escolar, tratando-se, de facto, de ciclos sequenciais. Se se associar a análise da situação conjugal a estes contextos, dá-se conta de trajectos que têm adiada a transição para a vida adulta.

Apesar de se encontrarem origens sociais diversificadas, persistem ainda marcas evidentes de reprodução social no seu recrutamento, tal como se verifica noutros estudos de âmbito nacional. Como traço de caracterização relevante, refira-se ainda a elevada taxa de feminização, fortemente associada a algumas áreas de formação.

Relativamente ao momento de decisão de ingresso no ensino superior esta população divide-se em duas situações de certa forma polarizadas. Uma parte alargada, com um peso de 2/3 na amostra, declararam ter tido sempre na sua trajetória escolar o ensino superior como etapa a atingir, outra, mais reduzida (1/3 dos estudantes inquiridos), só tardiamente tomou essa decisão durante o secundário, ocupando os restantes níveis de ensino posições residuais. Refira-se ainda que a uma decisão mais precoce se associam trajetórias escolares pautadas por maior sucesso e de investimento em áreas científicas. Ainda em relação ao ingresso no ensino superior e relativamente à importância de que se pode revestir essa decisão



encontramos como valor mais elevado a realização pessoal e aquisição de qualificações para a profissão. Interessante é também a relação entre a decisão de ir para o ensino superior com a perspectiva de uma especialização profissional, a continuação dos estudos e alargamento de conhecimentos, deixando para segundo plano a importância das boas classificações no secundário.

Numa leitura por escola saliente-se, no entanto, que os estudantes da Escola Superior de Gestão são os que, face aos restantes, atribuem maior importância ao diploma e ao terem familiares ou amigos bem colocados no mercado de trabalho para a inserção numa actividade profissional. Os alunos da escola superior de enfermagem destacam-se por uma esmagadora maioria a afirmar ter considerado sempre o ingresso no ensino superior, os valores dão conta de uma decisão vincada e precoce. Ao contrário dos estudantes das escolas Superiores de Educação e Gestão, cujos perfis se caracterizam por uma decisão mais tardia e por ventura mais condicionada pelos obstáculos quer escolares quer familiares.

## **Bibliografia**

- Abrantes, P. (2003). *Os sentidos da escola. Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade*. Oeiras: Celta Editora.
- Afonso, A. J. (2005). A sociologia da educação em Portugal: elementos para a configuração do estado da arte. In A. Teodoro, & C. A. Torres (Orgs.), *Educação Crítica e Utopia. Perspectivas para o século XXI* (pp. 1-34). Porto: Afrontamento.
- Almeida, A. N., Guerreiro, M. D., Lobo, C., Torres, A., & Wall, K. (1998). Relações familiares: mudança e diversidade. In J. M. Viegas, & A. F. da Costa (Orgs.), *Portugal, que Modernidade?* (pp. 17-44). Oeiras: Celta Editora.
- Almeida, J. F., Capucha, L., Costa, A. F., Machado, F. L., & Torres, A. (2000). A sociedade. In A. Reis (Org.), *Portugal anos 2000: retrato de um país em mudança* (pp. 36-72). Mem Martins: Círculo de Leitores.
- Almeida, J. F., Ávila, P., Casanova, J. L., Costa, A. F., Machado, F. L., Martins, S. C., & Mauritti, R. (2003). *Diversidade na universidade: um inquérito aos estudantes de licenciatura*. Oeiras: Celta Editora.
- Alves, M. (1998). Inserção na vida activa e dinâmicas identitárias. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 26, 131-147.

- Alves, N. (1998). Escola e trabalho: atitudes, projectos e trajectórias. In M. V. Cabral, & J. M. Pais (Coords.), *Jovens portugueses de hoje. Resultados do inquérito de 1997* (pp. 53-134). Oeiras: Celta Editora.
- Alves, N. (2005). *Trajectórias académicas e de inserção dos licenciados pela universidade de Lisboa*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Arroteia, C., & Martins, A. (1998). *Inserção profissional dos diplomados pela universidade de Aveiro*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Associação Portuguesa de Sociologia (1999). *A sociologia e o ensino secundário*. Oeiras: Celta Editora.
- Azevedo, J. (1992). *Expectativas escolares e profissionais dos jovens do 9º ano*. Rio Tinto: Asa.
- Azevedo, J. (Coord.) (1999). *O ensino secundário em Portugal: Estudos*. Lisboa: CNE / Ministério da Educação.
- Azevedo, J. (2000). *O ensino secundário na Europa. O neoprofissionalismo e os sistemas educativo mundial*. Lisboa: Edições ASA.
- Balsa, C. M., Simões, J. V., Nunes, P. B., Carmo, R. E., & Campos, R. O. (1997). *O perfil sócio-económico dos estudantes do ensino superior*. Lisboa: CNASES/CEOS.
- Barroso, J. (2003a). A escolha da escola como processo de regulação: integração ou selecção social?. In J. Barroso (Org.), *A escola pública – Regulação, desregulação, privatização* (pp. 79-109). Porto: Asa.
- Barroso, J. (2003b). Organização e regulação dos ensinos básico e secundário em Portugal: sentidos de uma evolução. *Educação e Sociedade*, 24, 63-92.
- Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (1964). *Les hérités. Les étudiants et la culture*. Paris: Minuit.
- Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (s/d). *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Lisboa: Vega.
- Costa, A. F. (1999). *Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*. Oeiras: Celta Editora.
- Costa, A. F., Mauritti, R., Martins, S. C., Machado, F. L., & Almeida, J. F. (2000). Classes sociais na Europa. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 34, 9-46.
- Cruz, M. B., Cruzeiro, M. E., Leandro, E., & Matias, N. (1992). *A PGA e os estudantes ingressados no ensino superior*. Lisboa: ICS.
- Drago, A. (2004). *Agitar antes de ousar: movimento estudantil 'anti-propinas'*. Porto: Afrontamento.



- Estanque, E., & Nunes, J. A. (2003). Dilemas e desafios da universidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, 5-44.
- Estêvão, C., & Afonso, A. J. (1998). Associações de estudantes em contexto escolar: a construção sociológica de uma singularidade organizacional. In L. Lima (Org.), *Por favor elejam a B. O associativismo estudantil na escola secundária* (pp. 75-112). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fernandes, A. T., Esteves, A. J., Dias, I., Lopes, J. T., Mendes, M. M., & Azevedo, N. (1998). *Práticas e aspirações culturais: os estudantes da cidade do Porto*. Porto: Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto.
- Fernandes, D., & Mendes, M. R. (Org.) (1998). *Ensino secundário - Projectar o futuro: Políticas, currículos, práticas. Conferência Internacional* (1.ª ed.). Lisboa: Ministério da Educação/Departamento do Ensino Secundário.
- Fernandes, D., & Mendes, M. R. (Org.) (1999). *Ciclo de Conferências - Comunicações: O ensino secundário em debate* (1.ª ed.). Lisboa: Ministério da Educação & Departamento do Ensino Secundário.
- Fonseca, L. P. (2001). *Culturas juvenis, percursos femininos. Experiências e subjectividades na educação das raparigas*. Oeiras: Celta Editora.
- Fournier, M. (2002). À propos de les héritiers, les étudiants et la culture. *Sciences Humaines «L'oeuvre de Pierre Bourdieu»*. Numéro Spécial, 12-15.
- Fussel, E. (2002). The transition to adulthood in aging societies. *Annals*, 580, 16-39.
- Gomes, A. (2005). A JUC, o jornal encontro e os primeiros inquéritos à juventude universitária: contributos para a história das modernas ciências sociais em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49.
- Gomes, C., & Lima L. (1998). Associativismo estudantil no ensino secundário e reprodução política das organizações partidárias de juventude. In L. Lima (Org.), *Por favor elejam a B. O associativismo estudantil na escola secundária* (pp. 27-73). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grácio, S. (1997). *Dinâmicas da escolarização e das oportunidades individuais*. Lisboa: EDUCA – Formação.
- Guerreiro, M. D. (1998). Transição para a vida adulta dos jovens portugueses. In M. D. Guerreiro (Coord), *Trabalho, família e gerações: conciliação e solidariedades* (pp. 121-130). Lisboa: CIES/ISCTE.
- Guerreiro, M. D., & Abrantes, P. (2004). *Transições incertas. Os jovens perante o trabalho e a família*. Lisboa: CITE.

- HIS (2005). *Eurostudent report 2005: social and economics conditions of student life in Europe 2005: synopsis of indicators*. Retirado em Junho de 2005 de: <http://www.his.de/Abt2/Auslandsstudium/Eurostudent/index.htm>.
- Lewis, S., Smithson, J., Brannen, J., Guerreiro, M. D., Kugelberg, C., Nilsen, A., & O'Connor, P. (1999). *Futuros em suspenso, jovens europeus falam acerca da conciliação entre trabalho e família*. Comissão Europeia.
- Lopes, J. T. (1997). *Tristes escolas - Práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano*. Porto: Edições Afrontamento.
- Lopes, J. T. (2003). *Escola, território e políticas culturais*. Porto: Campos das Letras.
- Lopes, M. C., Fernandes, G. L., & Perista, H. (2005). Trajectórias escolares e vida familiar: uma análise de transições numa perspectiva de género. *Sociedade e Trabalho*, 25, 27-38.
- Machado, F. L., Costa, A. F., Mauritti, R., Martins, S. C., Casanova, J. L., & Almeida, J. F. (2003). Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades e orientações. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, 45-80.
- Machado, F. L., & Costa, A. F. (1998). Processos de uma modernidade inacabada: mudanças estruturais e mobilidade social. In J. M. L. Viegas, & A. F. Costa (Orgs.), *Portugal, que modernidade?* (pp. 17-44). Oeiras: Celta Editora.
- Martins, S. C., & Campos, J. (2004). *Processos de transição do ensino secundário para o superior: os alunos do instituto politécnico de Santarém*. Lisboa: CIES-ISCTE (relatório final).
- Martins, S. C., Mauritti, R., & Costa, A. F. (2005). *Condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em Portugal*. Lisboa: DGES/MCTES.
- Mateus, S. (2002). Futuros prováveis, um olhar sociológico sobre os projectos de futuro no 9º ano. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 39, 117-149.
- Mauritti, R. (2003). Escolha da licenciatura. In J. F. Almeida, P. Ávila, J. L. Casanova, A. F. Costa, F. L. Machado, S. C. Martins, & R. Mauritti (Orgs.), *Diversidade na universidade: um inquérito aos estudantes de licenciatura* (pp.131-139). Oeiras: Celta Editora.
- Ministério da Educação (1998). *Ofertas educativas e formativas: ensino secundário 1999-2000*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2000). *Revisão curricular no ensino secundário: cursos gerais e cursos tecnológicos*. Lisboa: Departamento do Ensino Secundário/Ministério da Educação.
- OCDE (2005). *Education at a glance*. Paris.



- Pais, J. M. (1998). Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos 10 anos? In M. V. Cabral, & J. M. Pais (Coords.), *Jovens portugueses de hoje. Resultados do inquérito de 1997* (pp. 189-214). Oeiras: Celta Editora.
- Palhares, J. (1998). A participação estudantil em eleições associativas no ensino secundário. In L. Lima (Org.), *Por favor elejam a B. O associativismo estudantil na escola secundária* (pp. 147-188). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pardal, L., Costa, J. Correia, E. (Org.)(1998). *A evolução do sistema educativo e o PRODEP: Uma escola secundária; Tradição na inovação. Estudo de caso*. Lisboa: Departamento de Avaliação, Prospectiva e Planeamento do Ministério da Educação.
- Resende, J. M. (2003). *O engrandecimento de uma profissão: os professores do ensino secundário público no estado novo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Resende, J., & Manuel, M. (1998). As encruzilhadas da escolarização secundária no limiar do séc. XXI. In *Ensino secundário – Projectar o futuro: políticas, currículos e práticas* (pp. 63-97). Lisboa: Ministério da Educação.
- Rodrigues, L. M., Mendes, Z., & Antunes, C. (1997). *Inquérito a alunos do ensino secundário: Portugal 1995*. Lisboa: Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga.
- Seabra, T., Sebastião, J., & Teixeira, L. (1998). *A evolução do sistema educativo e o PRODEP: Dinâmicas de mudança numa escola secundária. Estudo de caso*. Lisboa: Departamento de Avaliação, Prospectiva e Planeamento do Ministério da Educação.
- Silva, L. (2002), *A instrução secundária nas aulas públicas anexas aos liceus e no ensino particular: 1844-1859*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Urbano, C. V. (2004). *A procura de ensino superior politécnico - Motivações e escolhas: O caso do instituto politécnico de Santarém*. Departamento de Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova. [Tese de Mestrado, documento policopiado].